



CRÔNICAS DA VELHICE: PERSPECTIVAS E REPRESENTAÇÕES

*CHRONICLES OF OLD AGE:
PERSPECTIVES AND REPRESENTATIONS*

Submetido em: 20/09/2022

Aprovado em: 20/11/2022

Logan Andrade dos Santos¹
Mara Marçal Sales²

RESUMO

O presente trabalho aborda textos literários que trazem o tema da velhice como mote de discussão. Três crônicas foram tomadas enquanto expressões que delineiam algumas das múltiplas faces que o processo de envelhecimento pode assumir e, também, os impactos que ele pode trazer para os sujeitos que o estão vivendo. Os textos permitem ver algumas das representações sociais que enredam a velhice e sinalizam para a persistência de preconceitos e estereótipos dirigidos aos sujeitos idosos.

PALAVRAS-CHAVE: Idosos. Crônicas. Envelhecimento.

ABSTRACT

This paper discusses literary texts that bring the theme of oldage as a theme for discussion. Three chronicles were taken as expressions that outline some of the multiple faces that the aging process can assume and, also, the impacts that it can bring to the subjects that are living it. The text allows us to see some of the social representations that entangle oldage and point to the persistence of prejudices and stereotypes directed at the elderly.

KEYWORDS: Elderly. Chronicles. Aging.

1. Introdução

O texto aqui apresentado vincula-se a uma pesquisa cujo desenvolvimento buscou investigar as representações sociais que sujeitos idosos têm sobre o próprio envelhecimento. Esta circunscrição encaminhou os autores a procurarem, dentre variadas produções da cultura, fontes de expressão das representações sociais que abrangiam o tema da velhice.

¹ Graduando em Psicologia – PUC Minas – E-mail: logan.psico28@gmail.com

² Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e Doutora em Educação – E-mail: mmarssal@yahoo.com.br

Este percurso apoia-se, por princípio, na constatação da importância da arte para a vida humana:

[A arte] se faz imprescindível tanto para aquele que a produz como para aquele que dela frui, pois, não importa de que lado estejamos, ela nos interpela se oferecendo como possibilidade de expressão: de nossos sonhos e anseios, de nossas dores e “sofreres”, de nossas questões, críticas e reflexões. Ao nos capturar em nossa subjetividade a arte transforma nossa sensibilidade e com isso transforma nossa relação com o mundo. Há nela um movimento que vai do artista ao espectador, e que se dá quando o subjetivo se torna objeto e nós assimilamos, subjetivamente, esse objeto, através da emoção, da reflexão, do pensamento (TROJAN, 1996), ou seja, a arte objetifica a subjetividade para provocar subjetividades. E assim fazendo, artista e obra de arte nos ensinam a olhar, a ver o mundo “outramente”, a ver belezas até então insuspeitas e também o insuspeito ou ignorado mal-estar (SALES; ANDRADE; MOREIRA, 2022, p. 42).

Ou ainda, a arte

“(…) Além do profundo prazer [que nos proporciona], ela nos transmite um sentimento de expansão de vida e ao mesmo tempo desencadeia a compreensão de certas verdades sobre o mundo e sobre nós” (OSTROWER apud CAMPOS, 2002, p.104). Em igual direção, ela “bafejando reflexões, encorajando questionamentos e, por vezes, aguilhoando nossas angústias; nos coloca frente a mundos e experiências que preferimos muitas vezes ignorar ou esquecer, e nos descerra horizontes até então apenas frestas.” (ANDRADE, 2019, p. 19)

As múltiplas formas de se envelhecer e de se viver a fase da velhice aparecem de modo muito marcado em diferentes produções artísticas. Como exemplos, podemos citar quadros como “Cabeça de Velho” (1923) de Candido Portinari, “At Eternity's Gate” (1882) de Vincent Van Gogh e também “An Old Woman with a Rosary” (1896) de Paul Cézanne. Da mesma forma, na sétima arte encontramos obras como “Um Divã para Dois” (2012) ou “O Exótico Hotel Marigold” (2011), que abordam variadas temáticas relacionadas à vivência da velhice.

No presente trabalho não pretendemos abarcar todas as formas artísticas, dada a vastidão que isso representaria. Faremos um recorte, abordando produções literárias específicas, com o objetivo de identificar algumas das representações sociais que foram ou estão sendo desenvolvidas sobre as formas de ser-no-mundo desse grupo etário.

Produções literárias de diferentes matizes enfocam o tema do envelhecimento. Dentre elas, sem a pretensão de sermos exaustivos, podem ser citadas obras como “Contos para Velhos” (1897) de Olavo Bilac, “O Gramofone” (1979) de Salim Miguel, “Boa noite, Maria” (1995) de Lygia Fagundes Telles ou “Velhos” (2020) de Alê Motta. Todos eles, sob múltiplos prismas, também abordam uma riqueza de vivências presentes na velhice.

Neste artigo, em especial, serão enfocadas três crônicas. As crônicas estão povoadas por criatividade e diversidade, mas também, em alguns casos, reproduzem estereótipos presentes na cultura, de modo que se torna possível observar contextos distintos do envelhecer, como recortes da realidade. Há o velho rabugento que ofende e discute com todos. Há o senhor que adoece e tem rápido declínio em suas funções e atividades, tornando-se alheio às decisões do cotidiano. E há também a senhora ativa, subestimada pela sua aparência frágil e delicada, alegre e em atitude desbravadora frente ao mundo, tanto subjetivamente – pela revelação de sensações e observação de situações pessoais – quanto objetivamente – pelo descobrimento do ambiente e apropriação de novas realidades que se apresentam.

O ponto de discussão circulará em torno das representações sociais, e também das identidades que podem se associar a elas.

2. As Representações Sociais

O tema das representações sociais abarca contribuições de diferentes perspectivas. Para Moscovici (2000, p. 40), teórico que criou o conceito: “Todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações”.

Segundo Moscovici (2000), as representações definem a necessidade humana de “familiarizar o não-familiar”. Isso significa que buscamos tornar as coisas que são “estranhas” a nós – o que inclui a vivência da velhice – mais próximas da nossa experiência. Essa tentativa envolve uma busca pela redução da complexidade da realidade – ação que se baseia em dois processos específicos, a ancoragem e a objetivação. Ambos se apresentam em uma relação muito próxima com a memória. A ancoragem diz respeito a um movimento interno, que insere e retira objetos, pessoas e acontecimentos classificados pelo nome, isto é, pela linguagem. Já a objetivação, diz respeito a um movimento externo, que lança conceitos e imagens que se unem e se reproduzem (MOSCOVICI, 2000). Desse modo, temos que:

Quando tudo é dito e feito, as representações que nós fabricamos – duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não-familiar), ou que nos dá um sentimento de não-familiaridade (MOSCOVICI, 2000, p. 58)

Moscovici (2000) nos diz que

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo

isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. (MOSCOVICI 2000, p.41)

Outro conceito importante para a reflexão aqui apresentada é o de identidade. O psicólogo social Antônio da Costa Ciampa define o termo de forma dialógica e relacional, já que “a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele. [...] A primeira observação a ser feita é que a nossa identidade se mostra como a descrição de uma personagem, cuja vida, cuja biografia aparece numa narrativa, ou seja, como personagem que surge num discurso.” (CIAMPA, 2000, p. 60). Desse modo vemos que, para Ciampa (2000), somos concomitantemente autores e personagens de nossa própria história. Esse entendimento indica que há uma autoria coletiva da história, em que as identidades se apresentam em constante processo de mudança a partir de sua dialogicidade:

Podemos imaginar as mais diversas combinações para configurar uma identidade como uma totalidade. Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto, una. Por mais contraditório, por mais mutável que seja, sei que sou eu que sou assim, ou seja, sou uma unidade de contrários, sou uno na multiplicidade e na mudança. (CIAMPA, 2000, p. 61)

Essa multiplicidade e mutabilidade levam em conta o peso do discurso social e dos valores morais, já que “[...] quando se trata de algo positivamente valorizado a tendência nossa é afirmar que estava embutido em nós (sempre tive vocação para ser médico); quando não desejável, frequentemente estava embutido nos outros (sempre achei que ele tinha propensão para o crime)” (CIAMPA, 2000, p. 61)

Para falar das identidades específicas – como as apresentadas nas crônicas - é preciso fazer uma leitura da realidade social, entendendo que os elementos históricos, culturais, econômicos e sociais se tornam marcadores importantes na forma como os sujeitos agem, se descrevem e também como são descritos. Boaventura (2012, p. 16) afirma que “[...] um mesmo objeto pode ter várias representações, dependendo do grupo ao qual o sujeito pertence.” Esta observação evidencia a relação entre o conceito de representações sociais e o de identidade pela presença de delimitações específicas, de características que delimitam tipos de representações a depender das peculiaridades internas de um grupo.

Entende-se, assim, que as representações sociais são parte do processo de construção identitária dos idosos que com elas convivem. Isto significa que elas estão engendradas ao processo de definição social do que é ser idoso. À medida que a imagem social ganha

força, instaura-se uma relação dialógica entre a representação social do que é ser idoso e as identidades de cada sujeito idoso.

Mas é preciso apontar também que as identidades, tanto na velhice como em outras etapas do ciclo de vida humano, são muito variáveis. As especificidades da velhice nos mostram que, devido às experiências e marcas que os sujeitos idosos adquirem, o sentido do termo se torna ainda mais amplo, visto que a velhice se constrói no envelhecer. Porém, se a identidade na velhice segue com seu caráter mutável, muitas vezes, os sujeitos se esforçam ou são pressionados a se localizar, se definindo dentro do *modus operandi* das representações sociais, voltando-se a uma dada forma de agir que pode ou não ser caracteristicamente tida como “natural à sua idade”, “assumindo” sua velhice, passando a agir como o grupo social espera que um “velho” aja.

Moscovici (2000, p.34) nos diz que

[...] quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado. (MOSCOVICI, 2000, p.34)

Sob este ponto de vista, as representações sociais podem ser associadas a modos cristalizados de ver o outro, sob o risco de, inclusive, alimentar estereótipos.

Não obstante, é preciso apontar que nos encontramos em uma fase de transição das representações da pessoa idosa. Sob o impacto de transformações nos modelos tradicionais de família e da emergência e fortalecimento de diferentes reivindicações relacionadas aos direitos de cidadania dos idosos, eventuais cristalizações são questionadas de forma mais incisiva na atualidade.

3. As Crônicas como Perspectivas

Uma crônica é uma narrativa caracterizada por ser concisa, tendo um pequeno número de personagens e girando em torno de poucos eventos. Sobre a natureza desse gênero literário, Ewald (2007), nos diz que

Por ter nascido no jornal, de circulação diária, a crônica folhetinesca nasce e morre com ele, fala de fatos cuja durabilidade é indefinível, mas sua dinâmica estende-se por um tempo não determinado, transitório, em que seu próprio conteúdo vai conferir a categoria à qual pertence. Desta forma, o cronista é o fixador dos aspectos transitórios e transitório é seu conteúdo. (...) as crônicas deveriam informar os leitores, pôr em cena os acontecimentos da semana, criar polêmicas e alçar voo imaginativo quando fosse preciso. Seu objetivo inicial era transformar a semana numa narrativa histórico-literária-opinativa,

relatando os principais acontecimentos da cidade, quer da vida política, artística, social, literária, quer mesmo da econômica. (EWALD, 2007, p. 177)

Desse modo, a autora afirma, baseada nos conceitos de Ecléa Bosi, que o estudo da história de forma linear termina por afastar aspectos do cotidiano, isto é, “microcomportamentos” que são fundamentais na psicologia social e que aparecem registrados nas crônicas como um meio de interpretação dos valores e comportamentos da época (EWALD, 2007).

Para a discussão no presente trabalho, foram escolhidas três crônicas que abordam formas de envelhecer, nos indicando algumas das múltiplas perspectivas possíveis para o desenrolar, na visão dos autores, desse processo. Trata-se de uma escolha intencional que teve como critério para a seleção das crônicas a proximidade com as imagens estereotipadas do idoso, como possíveis roteiros de formas de ser e agir, constituindo-se enquanto representações sociais.

Serão abordadas as crônicas: “Herança” de Alê Motta, publicada em 2020, “Mas as coisas não deixam de existir no escuro”, de Léo Tavares, publicada em 2019, e “O grande passeio ou Viagem a Petrópolis”, de Clarisse Lispector, publicada em 1998.

A atualidade apresentada pelas duas primeiras publicações demonstra que, ainda nos dias atuais, as imagens da velhice perpassam aquelas outrora tidas como universais, isto é, que tomam o idoso enquanto um sujeito que mantém padrões de ação muito rígidos, tendendo a ser completamente “rabugentos” ou totalmente “angelicais”, construindo extremos de identidade que muitas vezes não se misturam.

Segundo Beauvoir (1970, p.9), em alguns contextos, a imagem carregada pelo idoso é a do “Sábio aureolado de cabelos brancos, rico de experiência e venerável, que domina de muito alto a condição humana”. Quando não assumem essa representação, os idosos acabam sendo apresentados a partir de outro ponto de vista que Beauvoir define como “a do velho louco que caduca e delira e de quem as crianças zombam (BEAUVOIR, 1970, p.9).”

A última das crônicas surge como um contraponto, indicando uma visão mais ampla, ainda que não esteja completamente livre de estereótipos, porém mais distante da visão agarrada a padrões de ação repetitivos, mostrando a velhice também enquanto possibilidade de ser-no-mundo, aberta ao vir-a-ser e à ampliação de repertórios.

A crônica “Herança”, de Alê Motta nos apresenta um sujeito sem nome, que personifica a imagem do “velho rabugento”, sempre mal humorado e inconveniente, dado a acessos de raiva e falas preconceituosas com todos os familiares, amigos e outras pessoas com as quais precise conviver. Motta (2020) descreve que:

[...] ele me encara e comenta que eu engordei, afirma que minha amiga é sapatão, que eu nunca vou arrumar emprego com o curso que faço na universidade, mas tudo bem, porque sou um fracassado igual ao meu pai e fala isso dando aquela risadinha sarcástica de quem está determinado a se meter (MOTTA, 2020).

Surge na descrição apresentada uma forma de velhice que é muitas vezes caricata. Mantendo a imagem comumente descrita, angelical e aparentemente dócil, porém torna-se, logo que se abre a boca para falar, insuportavelmente intragável. O narrador, um dos netos, afirma de maneira a não deixar dúvida da hostilidade presente no contexto familiar: “Ele tem olhinhos azuis, cabelo todo branquinho, é gorducho e caminha pulando. Quem olha de longe vê um velho fofo. Quem convive de perto está louco pra ir ao seu funeral.” (MOTTA, 2020). Ou ainda: “Impressionante sua capacidade de humilhar, menosprezar e detonar. Meu avô era brilhante na maldade.” (MOTTA, 2020).

Nesse caso, o desfecho não poderia ter sido mais trágico. A família, após almoço de natal no qual o avô ofendera a todos, encontra-se na delegacia. O idoso fora morto a facadas enquanto dormia e todos os parentes eram suspeitos.

Na crônica em questão é visível a deterioração das relações sociais. Vizinhos e amigos nem sequer são mencionados. Quanto à família, observamos uma convivência marcada por desafios, as ações do avô e dos outros membros têm uma potência mobilizadora que mantém conflitos em constante reformulação, pela ofensa, pelo descredito e pelo deboche, que se acumulam até chegar ao ápice da estória, com o assassinato do idoso.

Pensando nas representações sociais, Moscovici (2000, p.36) afirma que “[...] representações são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado.”

A consideração dessa força impositiva descrita por Moscovici nos direciona para o contraste afetivo no qual a relação se desenvolve na crônica. O afastamento afetivo se dá de forma bem marcada, pelos comportamentos e pelas verbalizações.

Moscovici (2000, p. 37) acrescenta que as representações sociais “[...] são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações.” Desse modo, vê-se que é indispensável uma visão mais ampla para compreender os comportamentos do idoso em questão, que é também perpassado por questões geracionais, culturais e sociais.

É importante considerar, no desfecho trágico da crônica, as mortes simbólicas que presenciemos em nossa realidade. O final pode deixar um gosto amargo na boca do leitor, porém, também escancara para nós os fenômenos de apagamento social, o afastamento completo de espaços outrora importantes, ou ainda, o simples silenciamento e progressiva sensação de perda da identidade. Observa-se a reprodução do clichê das obras de suspense criminal, com a centralidade final voltada à descoberta do assassino, mas aqui num contexto familiar tomado quase como uma justificativa que enaltece o ato.

Já a crônica “Mas as coisas não deixam de existir no escuro”, de Léo Tavares, nos apresenta um idoso chamado Olímpio, já nos estágios avançados da doença de Alzheimer³. Ele estava sob cuidados do sobrinho Téo e da irmã Lígia. O título da crônica já nos traz uma indagação curiosa sobre as concepções do autor. Em analogia ao que poderia estar se passando pelos pensamentos de Olímpio em momentos de silêncio e ausência de ação, Lígia afirma que é “como se alguém tivesse apagado a luz.” Logo em seguida o autor argumenta, “mas as coisas não deixam de existir no escuro (...)”, demonstrando considerar a continuidade dos acontecimentos em sua mente, apesar de o acesso ao comportamento ter se tornado ausente devido ao avançar de sua condição e a diminuição das suas capacidades cognitivas. Esses comportamentos envolvem as atividades de vida diária e sua ausência associa-se a prejuízos anteriores, como a diminuição da capacidade laborativa dos sujeitos humanos, que ainda tem pouco espaço nas reflexões contemporâneas. Alzheimer, Parkinson e uma variedade de transtornos neuropsiquiátricos reduzem as possibilidades de ação e afastam homens e mulheres de

³“O Alzheimer é uma patologia que pode ser classificada em maior ou menor grau, ou seja, existem pacientes portadores que estão em estado inicial e ainda não possuem comprometimento significativo da memória e das habilidades físicas, motoras e intelectuais. No entanto, existem casos em que o portador se encontra em um estado mais tardio, com quadro demencial por exemplo, no qual, na maior parte do tempo, não responde por ele e não tem controle. Além da perda da capacidade de resolver questões simples e da coordenação motora, suas memórias oscilam, necessitando, assim, de cuidados especiais que demandam maior tempo de atenção dos responsáveis.” (CAETANO *et. al.*, 2017, p.85)

suas atividades cotidianas, inclusive das domésticas. Bem como aparece na crônica em questão:

O que tio Olímpio mais fazia era passar horas e horas sentado na varanda, olhando o quintal de um jeito que oscilava entre a completa indiferença e a mais erçada curiosidade. Pendia o olhar sobre as plantas e ficava sem mover a cabeça durante longos minutos. Mas de repente começava a se mexer inquieto, de um lado para o outro, esticando o pescoço e apertando os olhos para divisar alguma coisa no emaranhado das árvores, algo que não sabíamos o que era. Havia ocasiões em que ele soltava um gemido fundo, desencavado da garganta, e repetia, rouco, bem baixinho. Só um fiapo de voz:

— Mas que barbaridade..., mas que barbaridade... (TAVARES, 2019).

O grau de comprometimento de Olímpio, descrito por Téo, permite pensarmos na sua progressiva e constante ausência de ação. Desprovido de estímulos, o idoso acaba por voltar-se para si, já prejudicado pelas capacidades cerebrais em declínio, e ainda sem o interesse e atenção daqueles que poderiam tornar esse processo menos sofrido e abrupto.

Particularmente o Alzheimer apresenta impactos devastadores sobre uma das funções cognitivas mais significativas para a condição humana. Referimo-nos à memória, à capacidade de associar nomes, lugares, pessoas e objetos de forma inteligível para todos, principalmente para aqueles com os quais guardamos os mais fortes vínculos afetivos. Sobre o papel social dessa função cognitiva no público idoso, Ecléa Bosi aponta que:

Ao lembrar do passado ele – o idoso – não está descansando, por um instante, da lida cotidiana – como fazem os adultos –, não está entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida (BOSI, 1987, p. 23).

Ainda sobre a função social da memória, Bosi ano nos diz que:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa, de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição da sociedade. (BOSI, 1987, p. 23)

Essa descrição de Bosi abre espaço para a discussão sobre o envelhecer e os transtornos demenciais.

Ao buscar em sua memória resquícios perdidos da história de Olímpio, Téo menciona um dos diálogos que tiveram no início do processo de adoecimento, no qual define a fala de Olímpio como desprovida de lógica e sentido.

Ele perguntava do meu dia, das coisas que aconteciam no escritório, quando de repente me disse, o olhar fixado no turbilhão de água que forçava uma poça em meio à terra revolvida:

— Esse peixe se chama “joia”. Peixe-joia. Os machos ficam vermelhos durante a reprodução (TAVARES, 2019).

Porém, é perceptível no decorrer da crônica, que há um sentido pessoal conferido a essa fala, o que se perde de fato é a articulação entre esse contexto vivido embaixo da pele e aquilo que ele consegue levar para o ambiente de forma nítida. Em diálogo com Téo, Lígia traz uma experiência vivida por Olímpio, da qual ela fez parte. Um romance com um rapaz, Artur, há muitos anos atrás. Era um homem rico, que estudava arqueologia, o que o aproximou de Olímpio, que dava aulas sobre a história da arte, especificamente sobre o Egito. Anos após a morte dos tios, Téo decidiu organizar as estantes da casa do tio, encontrando uma carta guardada que informava o falecimento de Artur e o bilhete que estava com ele no momento, direcionado a Olímpio. Era o trecho de um poema de mais de 3 mil anos, que dizia em inglês: “I’ll go down to the water with you, and come out to you carrying a redfish, which is Just right in my fingers.”⁴

O acontecido demonstra, anos depois, a associação feita entre a fala de Olímpio e seu afeto. Em uma perspectiva multicausal dos transtornos, Olímpio, que estava no estágio inicial do Alzheimer à época, teve a expertise de comunicar sua situação, sua dor, ainda que de forma velada.

Outro ponto de interseção interessante presente nesta crônica é surge quando o personagem Téo diz:

O fato é que para mim meus tios pareciam há muito ter adentrado aquele trecho final da vida, em que o passado se encrustava no corpo como corais, e de repente, quando me dei conta de que eles deixariam este mundo sem que eu os de fato conhecesse, sobreveio em mim uma curiosidade nunca antes despertada acerca de suas histórias. (TAVARES, 2019).

Esse trecho endereça o nosso olhar para a constatação de que, apesar de ter sido criado por Lígia e Olímpio, Téo afirma não os conhecer de fato, associando isso a lembrança de que, desde há muito, eles já estavam na fase da velhice. Enquanto mecanismo de familiarização do não-familiar, as representações sociais também adquirem essa característica de um conhecer raso, em que os sujeitos, no caso da crônica, Lígia e Olímpio, se tornam objetos representacionais ancorados e objetivados por Téo, mesmo com sua convivência constante.

⁴ Eu descerei com você para a água e irei até você carregando um peixe vermelho, que está bem nos meus dedos (tradução dos autores).

Vemos que Téo cresceu acostumado com aquelas pessoas a seu lado, se familiarizou de forma superficial com eles, criando um laço afetivo sem conhecimento de suas histórias, aparentemente baseado em convenções sociais sobre a convivência no contexto doméstico.

O interesse sobre a vida/história dos idosos surge no momento em que ele se depara com a iminente partida destes, com a sensação de “uma curiosidade nunca antes despertada” que acaba levando-o às perguntas sobre a história de Olímpio. O autor justifica-se com a seguinte afirmação: “por estar aguilhoado à minha própria rotina, que sempre fora de trabalho maquinal em um escritório de contabilidade, e muito por descaso, nunca buscara saber mais sobre isto” (TAVARES, 2019). Nesse sentido, vemos que a realidade capitalista e a demanda constante pelo trabalho, também se constituem enquanto desafios para a prática de atenção ao sujeito idoso por parte da família. Afinal, como exigir esse cuidado de sujeitos que se apresentam extenuados por um processo de exploração que lhes retira a força vital em prol da produção desenfreada, fomentando, por sua vez, valores e projetos de consumo que se ampliam de modo a ocupar outras fontes de sentido, tornando-se muitas vezes a única restante na vida de alguns sujeitos.

Por fim, temos a crônica “Um grande passeio ou Viagem a Petrópolis”, de Clarisse Lispector, que acompanha dois dias na vida de Margarida, apelidada gentilmente de Mocinha, uma senhora que vivera no Maranhão com sua família. Após a morte do marido e dos filhos ela foi levada ao Rio de Janeiro por uma amiga que a colocaria numa casa de repouso, porém algo não correu bem e Margarida acabara por ficar sozinha na cidade, sem familiares ou conhecidos, passando a comer e dormir onde lhe ofereciam ajuda. Nos dois dias em que sua história foi descrita por Clarisse Lispector, ela habitava uma *casa grande* na região de Botafogo – e a apresentação da habitação nestes termos não parece gratuita. A autora já descreve de início que

A família achava graça em Mocinha. mas esquecia-se dela a maior parte do tempo. (...) Levantava-se de madrugada, arrumava sua cama de anão e disparava lépida como se a casa estivesse pegando fogo. Ninguém sabia por onde andava. Um dia uma das moças da casa perguntou-lhe o que andava fazendo. Respondeu com um sorriso gentil: – Passeando. **Acharam graça que uma velha, vivendo de caridade, andasse a passear.** Mas era verdade (LISPECTOR, 1998, grifo nosso).

Moscovici (2000, p. 56) afirma que “A presença real de algo ausente, a “exatidão relativa” de um objeto é o que caracteriza a não-familiaridade. Algo parece ser visível sem o ser:

ser semelhante, embora sendo diferente, ser acessível e, no entanto, ser inacessível.” Desse modo, o trecho grifado evidencia a presença do não-familiar descrito por Moscovici, no qual a mudança no padrão de ação gera um estranhamento que mexe no conteúdo outrora familiarizado e “estável”.

A personagem carrega qualquer coisa de mistério e surpresa. Em sua condição de idosa mantinha sua atividade, saía sozinha sem falar a ninguém para onde ia, o que de certa forma só era possível por que não tinha ninguém que se importasse de fato, já que demonstrava traços que atualmente seriam descritos a priori como incapacitantes, classificando-se, talvez, como um risco. E continua a crônica:

Sua vida corria assim sem atropelos, quando a família da casa de Botafogo um dia surpreendeu-se de tê-la em casa há tanto tempo, e achou que assim também era demais. De algum modo tinham razão. Todos lá eram muito ocupados, de vez em quando surgiam casamentos, festas, noivados, visitas. E quando passavam atarefados pela velha, ficavam surpreendidos como se fossem interrompidos, abordados com uma pancadinha no ombro: “olha!” Sobretudo uma das moças da casa sentia um mal-estar irritado, a velha enervava-a sem motivo. Sobretudo o sorriso permanente, embora a moça compreendesse tratar-se de um ricto inofensivo. Talvez por falta de tempo, ninguém falou no assunto. Mas logo que alguém cogitou de mandá-la morar em Petrópolis, na casa da cunhada alemã, houve uma adesão mais animada do que uma velha poderia provocar (LISPECTOR, 1998).

A partir da observância de que Mocinha não era um membro da família, sua permanência poderia então ser discutida de forma alheia a sua presença, afinal, eles não tinham nenhuma obrigação com ela. Justificativas como as de que ela tomava o tempo das empregadas, aparecia em festas quando não deveria sair de seu quarto, nos fundos da casa, ou comia com muita frequência e estava gerando muitos gastos, poderiam ser usadas por eles para dispensar sua presença sem a sensação de estar cometendo um erro ou crueldade. Na altercação presente entre a família de Botafogo e a cunhada que morava em Petrópolis, talvez tenham pensado que mandar Margarida para lá fosse causar um incômodo na parte alheia da família, como se entregassem um estorvo que devesse ser suportado por eles, já que na casa de Botafogo ela já estava há tempo demais. A decisão de ir a Petrópolis não foi feita por Mocinha, nem levou em conta sua vontade. Ela foi informada sobre os planos da família. Mas ela, obstinada, se animou com a possibilidade de mudança:

Por que Mocinha não dormiu na noite anterior? A ideia de uma viagem, no corpo endurecido o coração se desferrujava todo seco e descompassado, como se ela tivesse engolido uma pílula grande sem água. Em certos momentos nem podia respirar. Passou a noite falando, às vezes alto. A excitação do passeio prometido e a mudança de vida, de repente aclaravam-lhe algumas

ideias. Lembrou-se de coisas que dias antes juraria nunca terem existido (LISPECTOR, 1998).

A possibilidade de mudanças de vida e um novo espaço lhe trouxeram também memórias antigas. Não dormiu por passar a madrugada envolta em lembranças da família, até então esquecidas após a última viagem que fez do Maranhão ao Rio de Janeiro. Pela manhã, foi preciso chama-la:

Quando enfim se aproximou do automóvel, o rapaz e as moças **se surpreenderam com seu ar alegre e com os passos rápidos**. ‘Tem mais saúde do que eu!’, brincou o rapaz. À moça da casa ocorreu: ‘**E eu que até tinha pena dela**’ (LISPECTOR, 1998, grifo nosso).

O trecho demonstra com clareza o espanto ao observar as capacidades da senhora, seguindo a mesma linha de pensamento em que um comportamento que se espera da idosa não é o de entusiasmo, rapidez e alegria. Ainda nesse sentido, Moscovici (2000, p. 56) nos diz que “O não-familiar atrai e intriga as pessoas e comunidades enquanto, ao mesmo tempo, as alarma, as obriga a tomar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos ao consenso.” Os excertos evidenciados na citação demonstram essa atração e esse alarme descritos pelo autor, que surgem como uma manifestação da quebra de familiaridade com a imagem já objetivada de Margarida na casa.

Durante a viagem Mocinha parece ter um sinal de confusão, se esquece de porque está naquele carro, de quem são aquelas pessoas e de como conhecera seu marido, mas pouco tempo depois, se acostumou novamente. Devido ao atrito existente entre as famílias, ao chegar a Petrópolis as moças do carro ensinaram o caminho a Mocinha, que chegou à casa da cunhada alemã logo em seguida, afirmando, segundo instruções, procurar Arnaldo, e que se pudesse ficar, poderia até vigiar o menino da casa. Mocinha foi recebida com desconfiança pela cunhada alemã que suspeitava dela,

[...] talvez a velha tivesse ouvido de alguém o endereço. (...) aquela história não estava nada bem contada, e a velha tinha um ar sabido, nem sequer escondia o sorriso. O melhor seria não deixá-la sozinha na saleta, com o armário cheio de louça nova (LISPECTOR, 1998).

Sobre as ações da cunhada alemã, Moscovici (2000, p. 58) nos aponta que “Antes de ver e ouvir a pessoa, nós já a julgamos; nós já a classificamos e criamos uma imagem dela.” Imagem que fica marcada pela desconfiança e descredito, associada à sua chegada, à sua idade e à sua aparência.

Ao chegar e conversar com a esposa, Arnaldo recusa a presença de Mocinha.

(...) informou firme e curioso para Mocinha: – Não pode ser não, aqui não tem lugar não. E como a velha não protestasse e continuasse a sorrir, ele falou mais alto: – Não tem lugar não, ouviu? (...) Arnaldo ensaiou um gesto. Olhou para as duas mulheres na sala e vagamente sentiu o cômico do contraste. A esposa esticada e vermelha. E mais adiante a velha murcha e escura, com uma sucessão de peles secas penduradas nos ombros. Diante do sorriso malicioso da velha, ele se impacientou: – E agora estou muito ocupado! Eu lhe dou dinheiro e você toma o trem para o Rio, ouviu? volta para a casa de minha mãe, chega lá e diz: **casa de Arnaldo não é asilo, viu? aqui não tem lugar. Diz assim: casa de Arnaldo não é asilo não, viu!** Mocinha pegou no dinheiro e dirigiu-se à porta. Quando Arnaldo já ia se sentar para comer, Mocinha reapareceu: – Obrigada, Deus lhe ajude. (LISPECTOR, 1998).

Mocinha continuo a sorrir, não pensou para onde iria, com quem falaria nem sequer se comeria. Ela foi recebida na casa do personagem Arnaldo, causando nele uma ação agressiva, na qual foi necessário falar alto, mesmo que ela não tivesse questões com sua audição. Também se observa uma ação comparativa, quando descreve sua esposa como esticada e vermelha, a imagem de uma juventude bela, em contraste a uma velha murcha e escura, imagem da velhice e do racismo. A presença de Mocinha é tomada pelo caráter provocativo de seu envio, por parte da família em Botafogo. Ainda nesse sentido, o excerto evidenciado na citação nos demonstra a reação descrita por Moscovici quando da percepção de um evento “estranho”, isto é, não-familiar. Ele afirma que “[...] observamos, as imagens, ideias e a linguagem compartilhadas por um determinado grupo sempre parecem ditar a direção e o expediente iniciais, com os quais o grupo tenta se acertar com o não-familiar” (MOSCOVICI, 2000, p.57). Cumpre notar que as ações de Arnaldo com o não-familiar terminam por contrariar diretrizes presentes atualmente no Estatuto do Idoso, pois é:

[...] obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2003, p. 12)

A partir daquele momento, Mocinha sai da casa com o dinheiro para o transporte de volta ao Rio, porém, como se pregasse uma peça a alguém, decidi ir passear.

A estrada subia muito. A estrada era mais bonita que o Rio de Janeiro, e subia muito. Mocinha sentou-se numa pedra que havia junto de uma árvore, para poder apreciar. O céu estava altíssimo, sem nenhuma nuvem. E tinha muito passarinho que voava do abismo para a estrada. A estrada branca de sol se estendia sobre um abismo verde. Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu (LISPECTOR, 1998).

O desenvolvimento que Clarisse Lispector dá à crônica nos indica a fase da velhice, na experiência de Margarida, como um período de descoberta e novas experiências. Ao abordar o estudo das representações sociais, Moscovici (2000, p.59) afirma que “É por

isso que, ao se estudar uma representação, nós devemos sempre tentar descobrir a característica não-familiar que a motivou, que está absorveu.” Ao que tudo indica, Margarida exemplifica essa característica não-familiar, que aparece de forma mais explícita e que vem, por sua vez, passando pelos processos de ancoragem e objetivação, re-familiarizando-se.

4. Considerações Finais

O presente texto foi desenvolvido com a proposta de análise das três crônicas selecionadas, sob o critério de envolverem representações sociais, utilizando recortes de formas de agir, definidas por grupos sociais, sobre a velhice. Cabe ressaltar aqui que o presente trabalho não tem o objetivo de fazer uma crítica às obras escolhidas, mas sim de evidenciá-las enquanto produtos de uma forma social de interpretação da velhice e do processo de envelhecimento.

A teoria das representações sociais traz para a discussão as imagens compartilhadas de velhice presente nas crônicas escolhidas, que auxiliam na articulação entre a arte e a experiência dos sujeitos idosos, enquanto observada e descrita pelos autores das crônicas.

As representações desses processos na arte, em especial na literatura, falam muito de como percebemos e reagimos a essa fase de vida enquanto sujeitos e sociedade. Os mecanismos de objetivação e ancoragem, descritos por Moscovici, se apresentam como instrumentos de análise dos enredamentos apresentados nas crônicas, possibilitando o esmiuço e a compreensão das representações sociais presentes nessas obras literárias.

Cumprir notar, contudo, que as representações trazidas pelas crônicas enfocadas não esgotam as perspectivas em circulação na sociedade. Trata-se aqui de um comentário circunscrito, mas que convida à reflexão sobre outras possibilidades de se ver e compreender a velhice.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Cristiana Martins de. **A ARTE NA PSICOLOGIA**. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 4, n. 7, p. 17-15, 19 jul. 2019.

Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/20747>.

Acesso em: 26 nov. 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BILAC, Olavo. **Contos para Velhos**. Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1894.

BOAVENTURA, Vanessa Cunha. **Representações Sociais da Velhice**: estudo realizado junto aos jovens do ensino médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e do Colégio Simonton, Cachoeira. 2012. Monografia (Especialização em Serviço Social) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2012. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUK Ewj_wZug_Mz7AhXUILkGHUaAAKkQFnoECBEQAQ&url=https%3A%2F%2Fufurb.edu.br%2Fservicosocial%2Ftccs%2Fcategory%2F4-tcc2012-1%3Fdownload%3D52%3Avanessa-cunha-boaventura%26start%3D20&usg=AOvVaw0Zwftgws1S9brYFaOCeccm. Acesso em:

26 nov. 2022.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: EDUSP, 1987.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003. 66p.

CAETANO, Liandra Aparecida Orlando; SILVA, Felipe Santos da; SILVEIRA, Cláudia Alexandra Bolela. **Alzheimer, sintomas e grupos**: uma revisão integrativa. Vínculo, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 84-93, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902017000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 out. 2022.

CÉZANNE, Paul. **An Old Woman with a Rosary**. 1896. Pintura, óleo sobre tela, 80 x 64 cm. Disponível em: <https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/paul-cezanne-an-old-woman-with-a-rosary>. Acesso em: 27 nov. 2022.

CIAMPA. Antônio da Costa. **A Estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

EWALD, Ariane. P.A vida da crônica e a crônica da vida: Psicologia social, literatura e circulação da notícia. **Revista Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 20-21, jan.-dez. 2007. Disponível em: http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_20-21/Cap-13-Ariane_Ewald.pdf Acesso em: 08. out. 2022.

LISPECTOR, Clarisse. Um grande passeio ou Viagem a Petrópolis. In **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro:Rocco, 1998. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/o-grande-passeio-clarice-lispector/> Acesso em: 18. set. 2022.

MIGUEL, Salim. O Gramofone. In: MIGUEL, Salim. **A Morte do Tenente e Outras Mortes**. Rio de Janeiro: Antares, 1979. 153 p.

MIRANDA, Sheila Ferreira. Identidade sob a perspectiva da psicologia social crítica: revisitando os caminhos da edificação de uma teoria. **Revista de Psicologia**, v. 5, n. 2, p. 124-137, 19 dez. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/1481> Acesso em: 01 out. 2022.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOTTA, Alê. Herança. In: **Velhos**. Rio de Janeiro: Ed. Reformatórios, 2020. Disponível em: <https://www.mundodek.com/2020/04/ale-motta-velhos.html> Acesso em: 18. set. 2022.

O Exótico Hotel Maigold. Direção: John Madden. Produção: Alan MacDonald; Caroline Hewitt; Graham Broadbent; Jonathan King (III); Sarah Harvey e Peter Czernin. Reino Unido da Grã-Bretanha: Searchlight Pictures. 2011. 1 DVD (124 min) son., color.

PORTINARI, João Cândido. **Cabeça de Velho**. 1923. Pintura, óleo sobre tela, 22.5 x 27.5cm. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/head-of-old-man/sAH3EIlgSSb1eA?hl=pt-br>. Acesso em: 26 nov. 2022.

SALES, Mara Marçal; ANDRADE, Maria Cristina Moreira; MOREIRA, Maria Helena. Psicologia e arte: inflexões e insurgências. **PISTA - Periódico Interdisciplinar Sociedade Tecnologia Ambiente**, v. 2, p. 39-53, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pista/article/view/25069>. Acesso em: 25 nov. 2022.

TAVARES, Léo. Mas as coisas não deixam de existir no escuro. In: TAVARES, Léo. **Ruibarbo do Deserto**. Brasília: Patuá, 2019. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/um-conto-de-leo-tavares/> Acesso em: 17 set. 2022.

TELLES, Lygia Fagundes. Boa Noite, Maria. In: TELLES, Lygia Fagundes. **A Noite Escura e Mais Eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

UM Divã para Dois. Direção: David Frankel. Produção: GuymonCasady; Todd Black e KelliKonop. Estados Unidos da América: Imagem filmes, 2012. 1 DVD (100 min), son., color.

VAN GOGH, Vincent. **At Eternity's Gate**. 1882. Pintura, 81,8, w 65,5 cm. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/sorrowing-old-man-at-eternity-s-gate-vincent-van-gogh/ywEJUSEHQmoNYw?hl=pt-br>. Acesso em: 27 nov. 2022.